

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MIRIAM SANCHES MARTINS

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E DO BRINQUEDO NA SALA DE AULA:
a experiência de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental**

PORTO ALEGRE

2018/2

MIRIAM SANCHES MARTINS

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E DO BRINQUEDO NA SALA DE AULA:
a experiência de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darli Collares.

PORTO ALEGRE

2018/2

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me abençoou todos os dias com o seu amor infinito, me possibilitando ser altruísta e forte na busca dos meus objetivos. Sou grata ao meu pai Roberto Martins (*in memorian*) e à minha mãe Iara Marilda Martins, que me incentivaram sempre a entrar na faculdade, ainda que não tivessem condições de nos proporcionar estudo, sempre apoiaram e sonharam em ter filhos graduados, lamento por meu pai não poder estar aqui neste dia, ele sempre nos dizia a importância do estudar e dava muitas palavras de incentivo. Hoje, todos os meus irmãos estão se formando ou quase formados e isso é uma felicidade para toda a nossa família.

Agradeço, também aos meus irmãos: Carla, Márcio (*in memorian*), Alex, Max e Jonatan e Josele (*in memorian*), que foram e são pessoas especiais, parte da minha constituição desde a infância, alguns foram mais meus filhos do que irmãos e apenas minha irmã Carla foi minha "mãe", e que mãe maravilhosa! Esses laços não se desfazem e nunca serão desfeitos, são eternos.

Agradeço aos meus professores e, principalmente, à minha Orientadora Darli Collares, que serviu, acalentou, quando eu estava com muito medo, me fez me sentir capacitada e qualificada. Minha orientadora teve a paciência quando eu precisava e merecia ter, foi gentil e delicada quando talvez não merecesse e foi exigente e fiel, como a UFRGS.

Agradeço ao meu marido, João Celso, que foi meu salvador nos momentos mais difíceis e de desânimo, me incentivando e amando, fazendo com que meu sonho fizesse parte dos sonhos dele também.

Agradeço aos meus filhos Richard, Héctor, Giovana e Guilherme, uns me serviram de inspiração e outros de consolo e todos de "cobaias", mas todos os quatro são responsáveis pela minha insistência em ser Pedagoga, formada pela UFRGS, para mostrar a eles que podemos sim, sonhar e realizar!

Agradeço, também minhas amigas: Aida, Cleise, Cristiane, Gliney e Izabel que foram de extrema importância na parte emocional para que eu não desistisse, umas vezes me acalmando e outras me "agitando" para que fosse mais ativa e menos passiva no processo de ser uma "Professora/Pedagoga".

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p.134-135).

RESUMO

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso, em um primeiro momento, é compreender como as brincadeiras se concretizam ou não no terceiro ano do Ensino Fundamental, tendo como objetivos, identificar a concepção de brincar e verificar a compreensão da professora e gestores em relação ao brincar no terceiro ano do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública da zona sul de Porto Alegre. Participaram da pesquisa uma professora da turma e a equipe de gestão da referida escola. Como Metodologia de Pesquisa, utilizei a abordagem qualitativa. O levantamento de dados se deu por meio de questionários, observações da realidade e pesquisa bibliográfica. Os dados foram analisados a partir de considerações de alguns especialistas da área, dentre eles Collares (2003), Fortuna (2000) e Maluf (2003). Os resultados dessa pesquisa nos mostram que as brincadeiras aparecem esporadicamente e fora do ambiente da sala de aula do terceiro ano do Ensino Fundamental. Para concluir, a pesquisa indicou que o brincar é um elemento importante a ser utilizado em sala de aula, auxiliando a como complemento na aprendizagem das crianças, pois quando a criança brinca produz cultura. Por essa cultura compreendemos as crenças, os comportamentos e os valores que identificam uma sociedade em que ela vive.

Palavras-chave: Brincadeiras. Brinquedos. Ensino Fundamental. Criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 BRINCADEIRAS E JOGOS – LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA.....	10
2.1 EU NA ESCOLA.....	12
2.2 NA COMPANHIA DE OUTRAS CRIANÇAS FORA DA ESCOLA.....	13
3 APRENDENDO COM OS AUTORES	16
4 BRINCAR NA ESCOLA.....	19
5 A INVESTIGAÇÃO	26
5.1 METODOLOGIA	26
5.2 QUESTÃO DA PESQUISA	28
5.3 OBJETIVO GERAL	28
5.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	40
APÊNDICE A - PRINCIPAIS PERGUNTAS DA PESQUISA (PARA PROFESSORAS)40	
APÊNDICE B - PRINCIPAIS PERGUNTAS DA PESQUISA (PARA GESTORES)...	41

1 INTRODUÇÃO

Ao ouvir uma conversa entre meu filho Guilherme, de 5 anos, que estuda no Jardim B de uma escola de Educação Infantil e, minha filha Giovana, de 8 anos, que estuda no 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, antes de irem para suas respectivas escolas, Giovana pedia para o Guilherme lhe emprestar um brinquedo para que pudesse levá-lo para a aula. Surpreendi-me e fiquei intrigada com o caminho ao qual tal assunto seguiu:

Giovana: - Me empresta esse bonequinho (o qual Guilherme brincava) para eu levar para brincar na minha escola?

Guilherme: - Não, Giovana! Tu não pode levar (o brinquedo para a aula), porque tu não tem mais o dia do brinquedo na tua escola. Eu tenho e vou levar esse!

Giovana: - NÃO É JUSTO! O Guilherme tem uma sala cheia de brinquedos na escola dele e ainda leva brinquedos de casa no dia do brinquedo, e eu que tenho bem pouquinho brinquedos na minha sala, não posso levar nenhum, em nenhum dia.

Guilherme: - É porque tu já é GRANDE, Giovana!

Apesar da justificativa de Guilherme de que a Giovana era “grande”, ela não aceitou, afirmando que ainda era criança.

Percebi, através dos relatos dos meus filhos, em especial a minha filha mais velha que está no 3º ano do Ensino Fundamental que, na escola, nem todos os alunos têm a liberdade para vivenciar tal momento de diversão, lazer e aprendizado, sendo este momento negligenciado. Assim podemos entender o que Freire (2005, p.13) diz que: “[...] negar a cultura infantil é, no mínimo, mais uma das cegueiras do sistema escolar”.

A partir dessa situação resolvi que gostaria de pesquisar sobre o brinquedo e o brincar nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e a sua possibilidade de presença no cotidiano escolar, como fonte de aprendizagem e felicidade para esses indivíduos, tornando as aulas alegres e ricas em conteúdos lúdicos.

Não foi fácil ver minha filha se sentindo injustiçada na escola e não poder fazer nada para mudar isso. Não apenas para ela, como para tantas outras crianças que ainda têm essa necessidade do brincar e do brinquedo nos anos iniciais do ensino fundamental. Com esse trabalho de pesquisa, agora passados quatro anos na disciplina de Infâncias de 0 a 10 anos, sinto-me bem mais madura e capaz de ordenar meus pensamentos na direção de conclusões sobre esse problema. Meu

intuito ainda é auxiliar alunos e professores na busca das possibilidades dentro do currículo para dirimir essas lacunas que podem vir a existir nos alunos e alunas em virtude do desamparo na hora da percepção de que o brincar está sendo (ou não) retirado das atividades escolares.

Partindo do princípio de que a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento da criança, e com base em autores como Collares (2003), Fortuna (2000) e Maluf (2003), cabe a pergunta sobre por que ela vem perdendo espaço nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como bolsista do PIBID - Artes e Pedagogia, durante quatro anos na rede pública Estadual em Porto Alegre, deparei-me com diversas situações similares. Procurava então levar em meus "planos de aula" os brinquedos. Como essa era uma ação interdisciplinar, lembro-me que fiz um apanhado de brinquedos de meus filhos e levei-os para a escola. Nesta aula fiz a simulação de uma loja de brinquedos, levei vários "preços" em etiquetas, fizemos uma exposição como se fosse uma loja. Para os alunos entreguei várias notas (dinheiro de brinquedo) e eles, para comprar o direito de brincar com suas escolhas, tinham que fazer as contas, de quanto precisavam em notas e qual seria o troco, registrando-as no caderno.

Relembro, ainda, um planejamento que realizei no Pibid, que posso citar como exemplo. Na proposta da escola para uma turma de 3.º Ano, entre os objetivos estavam: *Envolver-se com o trabalho em grupo, percebendo momentos de escuta, atenção e colaboração.* O que na verdade era um momento muito rico, a escuta destas "falas" dos alunos, dar espaço para a aprendizagem através da brincadeira, pois levamos para a aula um mapa enorme de Porto Alegre, queríamos que eles "se enxergassem" naquele mapa/lugar, que vissem onde a escola se localizava e de onde eles se deslocavam para chegar á escola. Tudo foi realmente muito proveitoso para todos, fizemos uma apresentação sobre essa atividade no ENLIC Pibid-Sul, na cidade de Esteio/RS. Em meio á aula, um aluno pediu licença para "Dar uma nadadinha, antes de se localizar no mapa" e simulou um mergulho, pois realmente o oceano estava convidativo no espaço da sala de aula, talvez ele e os colegas jamais tenham essa oportunidade novamente até a Faculdade e Pós-Graduação, de ter um mar aos seus pés, de poder mergulhar antes de uma aprendizagem, de ter seus mais secretos sonhos realizados (ainda que de brincadeira) num piso gelado da sala de aula.

Se pensarmos, pois, que a alegria do trabalho é essencialmente vital, e mais do que o jogo; se pensamos que é possível oferecer às crianças atividades que as interessem profundamente, que as empolgue e as mobilizem por completo, é nessa via que devemos embrenhar-nos (FREINET, 1969, p.190).

Para apresentar o caminho percorrido e os resultados atingidos, organizo este trabalho em seis capítulos.

No primeiro capítulo, as brincadeiras e jogos são destacados, como sendo sua importância e, também, como uma atividade tipicamente infantil, apresentando minha história e minhas lembranças enquanto criança na escola e na companhia de outras crianças fora da escola. Na última seção deste capítulo é evidenciada a importância do brincar para desenvolvimento infantil, bem como a valorização da brincadeira pelo professor e pelo adulto, como uma aprendizagem que pode e deve ser levada a sério pela escola.

O segundo capítulo adentra no que os autores nos trazem sobre o tema brincadeiras e jogos, evidenciando as práticas lúdicas e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Para tanto, utilizo como referencial teórico autores como Almeida, Thomas, Coelho e, principalmente Collares, Fortuna e Maluf descrevendo as principais contribuições de cada autor em relação às atividades lúdicas, finalizando com uma argumentação possível sobre o motivo de alguns professores não fazerem uso do lúdico em sala de aula, seja por não gostarem de brincar, devido não observarem seus educandos ao se divertirem com a brincadeira, ou até mesmo por não terem tido essa formação e assim, não valorizá-la.

O terceiro capítulo apresenta as práticas do brincar no contexto escolar, abordando as como as brincadeiras podem ser utilizadas nesse ambiente, porque e para que serve a brincadeira. Em seguida, são apresentados motivos para que professores deem destaque para a brincadeira nos processos de aprendizagem escolar, e assim através da sensibilização de adultos, tornar a escola um ambiente acolhedor e estimulador das brincadeiras no cotidiano das crianças, sendo um espaço privilegiado para que o brincar aconteça e não mais seja apenas tolerado na escola durante o recreio. E nele se conclui que a brincadeira é malvista na escola por não combinar com a seriedade da missão da escola que é preparar as crianças para que no futuro sejam pessoas preparadas para o mercado.

O capítulo quatro é destinado à investigação e apresentação da metodologia da pesquisa, apresentando e descrevendo de forma detalhada os instrumentos de coleta de dados, os sujeitos e o cenário em que ocorreu a investigação.

Para enriquecer o trabalho foi realizada uma pesquisa de campo em uma Escola Pública Estadual localizada na zona Sul de Porto Alegre, com o intuito de investigar como o brincar é visto e desenvolvido por duas educadoras e, também, pela Gestão da referida escola. No mesmo capítulo é relatada a questão da pesquisa, o objetivo geral e específicos e as perguntas que foram elaboradas e suas respectivas respostas.

Na conclusão é feita apresentação dos resultados obtidos na pesquisa de campo, na qual se pôde constatar através de entrevistas e observações que o lúdico é imprescindível nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, no decorrer do estudo certifica-se que o lúdico é primordial para uma aprendizagem de qualidade e significativa para as crianças.

2 BRINCADEIRAS E JOGOS – LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras como elementos constitutivos de um repertório cultural produzido na infância instigam inúmeras interpretações e contribuem na construção de um olhar mais sensível.

A brincadeira, quando em ambiente adequado e situação aceitável, trabalha com a inquietação, com a dinamicidade, com a incerteza, com tempos elásticos, com o compartilhar, que vêm acompanhados de diversão e prazer. (MÜLLER et al., 2007, p.5).

Zanluchi (2005, p.91) afirma que “A criança brinca daquilo que vive; extrai sua imaginação lúdica de seu dia-a-dia.” portanto, as crianças, tendo a oportunidade de brincar, estarão mais preparadas emocionalmente para controlar suas atitudes e emoções dentro do contexto social, obtendo assim melhores resultados gerais no desenrolar da sua vida.

Recordando-me quando eu estava sozinha quando pequena, entrava num mundo de fantasia e acreditava que eu era uma “super-menina”, pulei algumas vezes da garagem de um vizinho (seu Joãozinho, dono de um boteco), à garagem da minha casa, em um gramado e eu pensando que era super-poderosa, pulei e bati com meu joelho no rosto, que inchou rapidamente, fazendo com que eu fosse para o Hospital de Pronto-socorro. Isso aconteceu por duas vezes por volta dos meus cinco anos de idade. Outra vez, brincando de fogueirinha, coloquei um saquinho de leite na fogueira, me arrependi em seguida e fui pegá-lo novamente, o saco, com fogo ainda aceso se derretia e grudou na minha mão direita (ainda tenho as marcas na mão), me desesperiei, gritei e me socorreram. A criança entra no jogo simbólico, onde o imaginário e a fantasia nunca mais param de nos surpreender, bem como eu surpreendia minha mãe na minha infância, hoje me vejo surpreendida pelos meus alunos e filhos(a). Os brinquedos e objetos em geral deixam de ser usados apenas para aquilo que foram criados e passam, no imaginário da criança, a ser tudo aquilo que elas querem e precisam em cada momento. O jogo permite que a criança experimente, no nível da fantasia, aquilo que na vida real lhe está vedado.

Algumas vezes eu brincava com palitinhos de fósforos usados que eu juntava no chão, na lixeira ou no pátio, como não tinha brinquedos (bonecas), os palitinhos eram para mim, famílias em miniaturas, era assim: o maior, que havia sido pouco utilizado, era o pai (seu cabelo era curto e ele inteiro), depois, vinha a mãe (ainda grande, mas com cabelos longos, pois havia queimado por mais tempo), seguidos de filhinhos (que eram menores e, se com cabelos longos meninas e se cabelos curtos meninas), também haviam os "loiros", ou de cabelos claros (que não haviam sido utilizados. Eu fazia muitas imitações com eles, iam pra escola, passeavam no campo, tinham móveis... um dia, sem perceber, minha mãe varreu meus "bonequinhos" e colocou no lixo e eu, muito sentida, reclamei, dizendo assim: - Mãe, tu nem *sabe*¹ o que tu *fez*... tu *matou* uma família inteira! Então, faço uma relação com Sarmiento (2005, p.366) o qual apresenta quatro pilares das culturas da infância, sendo um deles:

Fantasia: o imaginário é a condição para experimentar outras possibilidades de existência, não sendo sinal de incompetência. Isto possibilita a articulação entre as culturas da infância e as dos adultos.

Quando estava sozinha, me sentia bem, gostava de me distrair com minha imaginação, não sentia nem fome. Acho que era enquanto meus pais iam descansar de tarde que eu, minha irmã e meu irmão ficávamos no pátio, ou na sala, sem ter o que fazer. Ficava tranquila e minha imaginação ia longe. Distraíamo-nos com nossos cachorros, a gente brincava muito com eles e éramos ensinados a cuidar deles, a tratá-los, alimentando-os e para que não fossem para fora do portão. Vendo novamente o filme "sala de notícias/terra da brincadeira", me identifiquei com as crianças que cuidavam dos cachorrinhos que ficavam no pátio das casas e depois lembrei-me de meu pai, que fazia conosco pipas para brincarmos todos os anos. Ele também confeccionava nossos ninhos de páscoa com papéis coloridos para colocarmos de baixo de nossas camas, na páscoa, para que o coelho nos deixasse ovos coloridos, uns de açúcar, outros com amendoim dentro, era muito bom, meu pai estimulava que construíssemos nossos brinquedos, como no filme referido.

¹ A escrita mantém a fala original, sendo marcado em itálico a palavra dita de forma incorreta.

2.1 EU NA ESCOLA

Fui para a escola com sete anos, no primeiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, localizado em 1978 no bairro Partenon, na Rua Guilherme Alves. Lá ingressei muito tímida e chorosa, apesar de minha irmã estudar na mesma escola. Tinha medo que minha mãe não nos buscasse, de ser deixada lá. Outra coisa que recordo muito bem é que, no primeiro dia de aula, após pedir para a professora muitas vezes para ir ao banheiro e ela só dizer que eu deveria esperar o recreio, comecei a chorar na sala, uma colega chamou a atenção da professora e então a professora me autorizou a ir ao banheiro, mas quando eu abria a porta da sala para sair, não havia mais tempo, muitos colegas riram de mim, fiquei com uma calça pantalonada vermelha, de lã, toda molhada, até a hora de ir embora. Por alguns dias fui apontada na escola como a “mijona”, o que me causou muita tristeza.

Depois, fui para a Escola Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Jr., localizada no bairro Intercap, também no Partenon. Lá fiz do segundo ano até o sexto ano do Ensino Fundamental, no início, muito tímida, passei uns maus bocados, como costume dizer, mas era muito simpática e humilde. Normalmente não fazia parte do grupo mais badalado da escola, meu grupinho sempre era dos mais do fundo, dos quietinhos e que falavam pouco com os demais e muito entre si. Eu sempre participava das atividades esportivas com afinco, atletismo, vôlei, handebol, adorava gincanas, feiras, passeios, gostava de escrever, mas não de ler para a turma, não era boa de matemática e para decorar para as provas de história, geografia e outras matérias eu tinha um gravadorzinho pequeno, que eu lia os textos e ouvia repetidamente, até decorar, pois minha mãe me ensinara a assim fazer para estudar e gravar.

Meus colegas gostavam de mim, pois eu não era nada difícil de tratar (a meu ver), meus professores diziam que eu conversava demais, me distraía e isso me prejudicava nas aulas, eu era brincalhona e divertida. Em casa, meus familiares e amigos me adoravam, sempre era convidada para sair, dormir na casa das primas. Seguidamente, ia passar os finais de semana na casa da vó materna e das minhas tias.

Quanto à Escola sempre foi uma relação de muita responsabilidade e temor também, pois minha mãe não ia responder aos pedidos de comparecimento se

houvessem isso ela sempre nos antecipava, então, eu temia me atrasar, trazer bilhetes, pois minha mãe não ia poder ir à escola e eu ficaria tendo que dizer isso para a Coordenadora de turno todos os dias, eu não faltava a aula, levava os temas, estudava e me dedicava, pois se ocorresse algum problema, quem o resolveria seria eu mesma.

2.2 NA COMPANHIA DE OUTRAS CRIANÇAS FORA DA ESCOLA

Com outras crianças, brincando, na família e na vizinhança eu era outra pessoa. Brincávamos muito e de tudo. Gostava de correr, de pular, de cantar, de pular sapata, elástico, de responder questionários confidenciais para saber e dizer coisas que de outra maneira não diríamos. Minha turma da vizinhança e eu ficávamos até tarde (umas dez da noite), brincando de esconde-esconde, polícia e ladrão, de cantar músicas sentadas na calçada em frente de casa. A gente iniciava as brincadeiras umas dezoito horas e só entrava quando uma das mães chamava. Se fosse sexta-feira, podíamos ficar até bem mais tarde, mas sempre em frente das casas, ou para o lado de dentro do portão.

Nas brincadeiras de vizinhança, sempre era uma das líderes. As idades desses grupos eram de sete a doze anos. Alguns maiores já ficavam de cantinho conversando mais baixo, cantando músicas românticas e falando sobre namoros.

A gente sempre tinha projetos. Ficávamos pensando como conseguiríamos dinheiro para comprar coisas boas, para comermos, e brinquedos. Uma vez, eu e Aninha, uma amiga da Intercep, ficamos por umas três horas pedindo dinheiro para pegar ônibus, pois havíamos perdido a passagem dada pelas nossas mães. Aninha estudava no Colégio Champanhat e fazia Educação Física no turno inverso. Seguidamente eu ia com ela para fazer companhia na volta. Olhava-a fazendo aula e depois a gente voltava juntas. Realmente, a gente perdeu uma passagem para voltar para casa, mas pedimos dinheiro aos universitários da PUC até completar uma nota grande (tipo uns cem reais hoje). Trocamos, num bar da PUC, por uma nota inteira. Lanchamos ainda com o que sobrou, pegamos o ônibus, passamos por debaixo da roleta (as duas) e chegamos na rua de casa nos abanando com a nota, para que os amigos da rua observassem que a gente havia conseguido um dinheiro fora do comum. Mas depois, tivemos que dizer de onde era aquele dinheiro para nossos pais e quando contamos o feito, desaprovadas, eu não pude mais ir

acompanhar Aninha nas aulas da tarde. Passamos a fazer outros tipos de “projetos” para conseguir dinheiro, um deles era fritar pastéis e vender nas redondezas, outro que recordo era vender as sobras de tecidos (tiras coloridas) que minha mãe trazia da loja onde ela trabalhava, a gente batia nas casas e oferecia, dizíamos que a fivela a gente traria outro dia, as pessoas compravam para nos ajudar, pois a gente pedia para fazer festa Junina na praça, piqueniques e sempre nos ajudavam, relaciono esses atos com Sarmiento (2005, p.370) quando fala da Interação:

Interação: em termos de culturas populares a autoria é coletiva, pois todos os membros de uma comunidade participam. As culturas da infância aproximam-se muito das culturas populares neste aspecto.

As festas que realizamos quando eu era criança, modéstia à parte, eram muito divertidas, o arraial com fogueira, cada criança (família) era responsável por uma barraca, tinha muita fartura e diversão, toda a comunidade participava. Não existia medo de deixar as crianças soltas, todos cuidavam das crianças e as crianças sabiam as regras e não descumpriam, bastava chegar a hora marcada e cada um sabia o que fazer, pois haviam “combinações”, que eram para ser obedecidas, e eram.

Quando chovia, no verão, os banhos de chuva em grandes grupos eram fatais, todos participavam, quando a chuva dava uma trégua, a gente sacudia as árvores, pisava nas poças d’água, coisas que hoje em dia, dificilmente vemos as crianças fazerem, no meu caso, até minha mãe, participava da brincadeira conosco, frequentemente, concluo que isso se relaciona com o um a ludicidade. Segundo Vygotsky e Leontiev (1998, p.137):

A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Essas relações irão permear toda a atividade lúdica da criança, serão também importantes indicadores do desenvolvimento da mesma, influenciando sua forma de encarar o mundo e suas ações futuras.

Segundo Sebastiani (2003, p.119), “a brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo”, bem como no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p.109), encontramos a seguinte definição para a brincadeira: “ato ou efeito de brincar¹ [...] entretenimento, passatempo, divertimento [...]”. Estou de acordo que o brincar não é apenas diversão

e ou um simples passatempo. Como colocado por Souza e Martins (2005, p.183), que em seu texto: “É brincadeira”, afirma:

É coisa séria: brincar não é apenas diversão. Na hora da brincadeira, as crianças desenvolvem-se física e intelectualmente, destacam-se como indivíduos, ao mesmo tempo em que estabelecem o convívio social, tomam iniciativas próprias e estimulam a criatividade.

E assim, posso concluir hoje, que sempre segui à risca desde criança e ainda sigo hoje, como professora que fiquei fui e fiz as crianças felizes de uma maneira geral, pelo simples fato de ser e de permitir a brincadeira na sala de aula, na escola, na família e em qualquer lugar, utilizando a mesma como uma atividade prazerosa e que devemos levá-la á sério.

3 APRENDENDO COM OS AUTORES

A brincadeira e os jogos não podem ser vistos como uma forma de passar o tempo, pois ela é muito séria, permite à criança crescimento físico, intelectual, emocional e social. Brincar tem suas funções, por um lado, criar oportunidades de estimular o raciocínio e, por outro, disponibilizar as regras necessárias à convivência e vida em sociedade.

Assim, o brincar assume papel importante para as crianças “[...] por ser um espaço privilegiado de observação de uma variedade de fatores, contextualizados, das culturas infantis e de interação com as crianças”. (TOMÁS, 2006, p.55). Para Nascimento (2008), o brincar não pode ser um simples jogo de imitação das crianças, uma vez que elas apreendem de forma criativa informações do universo adulto para produzir suas culturas. Durante o brincar, a criança constrói, destrói e reconstrói o mundo a sua volta, de forma ressignificada.

Pensando da mesma forma, Coelho (2007) investigou os espaços para brincar das crianças que moram em favelas. O estudo apontou que a criança, como habitante de um determinado lugar, se identifica ou não com esse ambiente, podendo construir sua identidade nele. Para o autor, um dos elementos encontrados pelas crianças para se identificar com o espaço foi o brincar.

O espaço, como um dos agentes construtores, contribui nesse processo com as diversas possibilidades de apropriação vividas em brincadeiras, e que são despertadas no imaginário infantil. Criança e espaço unem-se no brincar para a construção de suas identidades. (COELHO, 2007, p.178).

Na minha trajetória acadêmica, enquanto bolsista e também nas min-práticas, sempre procurei estar atenta à brincadeira e a diversão aliada ao aprendizado escolar. Até mesmo porque meus filhos, quando me traziam as novidades da aula que tinham acabado de assistir, traziam muitas novidades e a alegria era visível nos olhos deles e era certo que a brincadeira e o brinquedo estavam naquela atividade escolar contada por eles, eu já previa isso.

Dessa forma, procurei fazer de minhas práticas algo que os sujeitos poderiam analisar, avaliar e que pudessem também, depois das aulas, passassem a contar vantagens e alegrias aos seus pares (em casa, ou com os alunos das demais turmas da escola, no recreio) e assim depois terem a chance de relembrar e refletir o quanto

fora positivo e se sentirem à vontade também comigo (enquanto professora) de construirmos novas regras na brincadeira, colocando mais e mais dificuldades para "aumentar" a diversão, (e a aprendizagem em si) acredito que assim passei a contribuir para a reflexão da ação de outros docentes naquela escola da rede pública, pois muitas vezes percebia que alguns professores passaram a também assim fazer com sua turma, como se eles, os docentes passassem a aprender e admirar também essa nova forma de docência brincante.

De acordo com Fortuna (2000): deve-se oportunizar que as crianças façam o papel de coordenadoras do jogo, e, também, que o educador permita-se jogar, pois isso renova o jogo e os alunos, além de permitir que o professor conheça melhor as pessoas com quem convive: os educandos. Assim, quando o professor também participa da brincadeira, ele se aproxima dos alunos, se assemelha a eles, fica em pé de igualdade, sendo também importante essa prática para o professor e para os alunos.

Conforme Darli Collares (2003, p.52), penso que “o sentimento de que sabemos sobre o que acontece só pode ser afirmado ou negado, como conhecimento, se fizermos desta certeza objeto de investigação”. Assim, tenho a certeza de que meu modo de dar aula, ficou marcado para meus alunos, como a professora que leva a brincadeira para a sala de aula, por esse motivo que agora quero investigar melhor a utilização e a importância da brincadeira e do brinquedo na aprendizagem escolar.

Mas, nem sempre teremos professores que gostem ou desejem ter a brincadeira como auxiliar na aprendizagem escolar. Para Maluf (2003, p.28), esse não aparecimento do brincar na escola, e na sala de aula, pode ter outro motivo. Para a autora, um dos problemas se encontra na formação de um professor, “que não contempla informações nem vivências a respeito do brincar”, (a exemplo de tantos dos que encontrei nas minhas diversas experiências já mencionadas) não podendo que esses professores vejam como algo atraente e valorizem o brincar, pois para eles o lúdico na sala de aula ou eles brincando junto com seus alunos não são valorizados por não terem sido apreciados ou discutidos nos cursos de formação de professores (isso quando e se eles tiverem a possibilidade de ter essa formação). Contudo, alguns professores que conheci, talvez nem tenham essa disposição ou prazer de brincar com seus alunos, pois “um professor que não gosta de brincar

nunca irá observar seus alunos vivenciando práticas lúdicas, e também não reconhecerá o valor das brincadeiras na vida da criança”. (MALUF, 2003, p.32).

4 BRINCAR NA ESCOLA

A creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas que acontecem num espaço de convívio coletivo respeitando-se a individualidade, a autonomia, a participação, o tempo e o ritmo de cada criança.

Desde que nasce a criança é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

As crianças devem ser auxiliadas e atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas e ser estimuladas a brincar, movimentar-se em ambientes amplos e ao ar livre, desenvolver imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão. Devem, também, ser orientadas a conviver com a diversidade, que precisam ser conhecidas e "reconhecidas", para uma aula produtiva e valorizada pelos alunos, uma aula que os alunos tenham prazer em estar, em fazer parte, em contribuir.

O brincar é um comportamento divertido, sendo na sala de aula esse brincar motivado apesar de ter metas ele possibilita o "faz-de-conta". A aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras ocorre por meio do envolvimento ativo da criança e deve ser possibilitado e "facilitado" pelo professor, bem como a interação entre a criança e seus colegas, deixando que eles voem alto e rasteiro conforme desejem, com o professor apenas sendo um facilitador no processo, acompanhando, inquietando-os, foi o que sempre procurei fazer e ser nas práticas docentes.

Por meio das brincadeiras, as crianças aprendem a inibir comportamentos impulsivos e a planejar reações mais adaptáveis. Os pré-escolares que se envolvem em brincadeiras de faz-de-conta mais livres, em comparação com as crianças que participam de tarefas mais formais, com metas determinadas pelos professores, demonstram maior independência nas atividades.

As crianças estão tendo menores oportunidades de brincar, em muitas escolas, talvez devido as crescentes pressões da vida cotidiana e da necessidade de concorrência por melhores escolas e lugares melhores para eles no futuro. As crianças com contextos sociais mais baixos passam ainda menos tempo brincando do que seus congêneres com níveis sociais mais altos.

Pesquisas recentes, como Martine (2011) e Nowack (2015) nos mostram sobre a importância e como é melhor para as crianças incorporar as brincadeiras na escola e no lar. É preciso haver mais pesquisas de como melhor oferecer oportunidades de aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras desde o ensino fundamental e, principalmente para crianças de contextos mais carentes, pois nas escolas onde fiz minhas pesquisas e trabalhos acadêmicos pude perceber o quanto os alunos desenvolvem mais suas potencialidades quando têm essas atividades de maneira mais constante na rotina escolar.

É importante que saibamos em aula dar o devido destaque a brincadeira nos processos de aprender, de ensinar, de viver, reproduzindo e produzindo cultura, os temas aqui reunidos evidenciam, em seu conjunto, a riqueza da diversidade e as diferenças das relações tecidas entre adultos, crianças, escolas, creches, pré-escolas, universidades, que podem, e muito, colaborar com a qualidade da educação das crianças e da formação de professores, tanto na modalidade inicial quanto continuada. Também reafirmam a importância de os adultos colocarem-se na posição sensível, dando atenção e dialogando com seus alunos, sendo acolhedores e valorizar os saberes e fazeres que estão envolvidos na brincadeira infantil no cotidiano escolar.

Com minhas observações nos diversos lugares que estive em pesquisa e/ou em atividades docentes, constatei que são poucos os ambientes em que adultos aceitam e estimulam o brincar infantil, sem encará-lo como sendo algo “negativo”. Ao observarmos alguns espaços públicos onde há crianças brincando, como por exemplo até mesmo no “recreio de alunos”, que deveria de ser respeitado como um momento “das crianças e para as crianças brincarem livremente” é muito comum ouvirmos frases como: “Fiquem quietos!”, “Não corram muito!”, “Não façam bagunça!”, “Parem de gritar!”, “Que menino(a) terrível!”. Em Sayão (2002, p.57–58) podemos constatar essa dominação:

[...] a cultura ‘adultocêntrica’ leva-nos a uma espécie de esquecimento do tempo de infância. Esquecemos gradativamente como, enquanto crianças, construímos um sistema de comunicação com o meio social que, necessariamente, integra o movimento como expressão. Com esse esquecimento, passamos, então, a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos. Os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as

como sujeito de direitos, até mesmo não reconhecendo o direito de movimentarem-se.

O brincar é um direito das crianças, e não é apenas necessidade. A escola precisa se organizar e ter seus ambientes e também sua estrutura física de acordo com as características das crianças e valorizar o brincar em seus espaços e tempos para brincadeiras. O lúdico é de extrema importância para as crianças e na escola precisa ser encarado com a mesma importância pelos adultos que a frequentam.

Diferentes mediações educativas realizadas pelo educador, a organização dos espaços e tempos da escola e dos jogos, brincadeiras, brinquedos e materiais lúdicos que se encontram ao alcance das crianças durante o ato lúdico, bem como e principalmente no recreio, são atitudes que podem fazer a diferença no brincar da escola e na ampliação do repertório lúdico delas. Os adultos devem respeitar esses momentos e propiciar que aconteçam de maneira prazerosa para os alunos. É desejável que as crianças possam ter o brincar na escola como algo normal, não como algo “tolerável” pelos adultos e que o lúdico tenha um espaço que possa ser apropriado por todos dentro da escola.

A história da criança como sujeitos é responsabilidade do mundo; temos que aprender a compartilhar esse cuidado com todos. Como lembra Todorov, citado por Debortoli, Martins e Martins (2008), o isolamento dos sujeitos constitui uma das primeiras formas de renúncia à autonomia. Não compreendo como a escola pode querer formar sujeitos autônomos, controlando os momentos do brincar das crianças, com constrangimentos pessoais, quando deveria deixar seus alunos extravasarem, afinal “aquele momento é deles”.

Segundo Müller et. al. (2007), para brincar é necessário muito mais do que a natureza biológica; é preciso que os adultos permitam e ofereçam às crianças condições para que elas brinquem. Afirmam as autoras que:

Na escola não brincam, e se brincam, é rapidamente no recreio. De alguma forma, a criança acaba brincando, mas o tempo e o espaço estão restritos e, a parte de transmissão de cultura lúdica que devia passar de adulto para criança está praticamente desaparecida pela falta de convivência dos pais e mães com os seus filhos e, por outro lado, porque os espaços institucionais de frequência das crianças não potencializam o mundo da brincadeira e dos brinquedos. (MÜLLER et. al., 2007, p.3).

Vejo que o lúdico é uma manifestação e expressão da cultura. Cada sociedade tem sua herança e história cultural. Na sociedade, cada local e

comunidade constrói sua própria cultura. O lúdico é um patrimônio cultural das pessoas. A demanda lúdica gerada pelo próprio brincar (jogo, o brinquedo e a brincadeira) possibilita o surgimento da cultura lúdica, que é o resultado das manifestações lúdicas da própria cultura do brincar (BROUGÈRE, 2000, 1998).

Para Almeida (2014, p.22),

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar a consciência de si mesma, do outro e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

No livro *Brincar, amar e viver*, Porto enfatiza a relevância da criatividade na formação do educador:

Para que os docentes possam desenvolver teoria críticas e lúdicas na prática pedagógica, é necessário, sobretudo, que sejam ativos e criativos. Para que sejam ativos e criativos em suas salas de aula é preciso que se sintam capazes e queiram agir e criar com autonomia. (PORTO, 2014, p.143).

Na verdade, se o professor tiver aversão ao conhecimento adquirido por meio de práticas inovadoras (como talvez seja o caso de alguns professores que observei na minha trajetória) e também não vivenciá-las antes de sua utilização com seus alunos pode estar prestes a perceber que fez uma escolha de profissão, (se é que já não percebeu), e nunca se sentirá realizado profissionalmente. O professor deve sempre ter o bom-senso e ser sensível em sua auto-avaliação, para que possa criar estratégias que melhore a sua educativa, pois o conhecimento adquirido em sua formação acadêmica deve estar atrelado à rotina escolar e social de seus alunos.

Atualmente, com o ensino de nove anos e a inclusão da faixa etária de seis anos no fundamental, as crianças passaram a fazer parte desse ensino mais sistematizado. De uma hora para outra, é como se elas não precisassem mais brincar tanto, mas sim de mesas, cadeiras, lápis de escrever e borracha. As brincadeiras ficaram reservadas aos momentos de recreação e ao curto recreio. Ou acontecem de maneira engessada, dentro de sala de aula, com um caráter pedagógico, para atingir um fim didático, que acaba tornando a brincadeira algo monótono e cansativo. Sobre a falta do brincar dentro da escola, a autora Collares

(2003, p52) afirma: “Como professora, tive sempre presente minha infância e, sem esquecer que fui criança, procurei tornar a infância escolar de meus alunos um tempo de deixar saudade”.

O lúdico deve sim estar presente na escola e na sua proposta pedagógica, como eixo principal de seu trabalho, resgatando o papel da brincadeira na sala de aula, papel esse que vá muito além de uma mera função didática. Mas para que seja possível, os professores precisam ter conhecimentos e compreensão da importância da brincadeira, ao contrário do que percebi em relação á algumas turmas observadas nas minhas experiências em escolas, pois realizam um trabalho de alfabetização apenas, baseada em métodos tradicionais de ensino, com as mesmas atividades para todos, que aprisionam as crianças por quatro horas na sua mesa, soltando poucos minutos durante o intervalo. Observei que a maioria dos conteúdos, trabalhados por alguns professores, são desvinculados da vida e da alegria do aprender brincando.

Para Kishimoto (2013, p.148),

O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem. A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e ação. Para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica.

Fortuna (2011, p.9) afirma que:

A brincadeira é tão importante para o desenvolvimento humano que até mesmo quando ocorrem brigas ela contribui para o crescimento e a aprendizagem. Negociar perspectivas, convencer o opositor, conquistar adesões para uma causa, ceder, abrir mão, lutar por um ponto de vista – tudo isso ensina a viver.

Por outro lado, a recreação, pode ser vista por vezes como sinônimo de ócio, mas muitos estudos apontam que o brincar aumenta a autoestima dos educandos e do professor, por trazer consigo momentos onde tanto professor, quanto o aluno entregam-se inteiramente a atividades não impostas e que trazem a ambos um bem-estar, já que a recreação significa buscar sentido de prazer, cultivar atitudes de legítimo interesse pessoal.

Assim, o ócio (ao meu ver) é algo necessário ao ser humano, pois nele há revitalização de energias, preparando o ser humano para as mais variadas

atividades como esportes, musicalidade, artes, literatura. É o momento onde o homem pode vislumbrar o que há de belo no mundo e na vida. Se olharmos o significado da palavra ócio no dicionário Ferreira (1999), Aurélio veremos que ócio pode significar:

- Descanso do trabalho; folga, repouso;
- Tempo que se passa desocupado; vagar, quietação, lazer, ociosidade;
- Falta de trabalho; desocupação, inação, ociosidade;
- Preguiça, indolência, moleza, mandriice, ociosidade;
- Trabalho mental ou ocupação suave, agradável.

De maneira geral, consideramos o ócio enquanto folga, preguiça, moleza e muitos, indo além, consideram-no o momento do “fazer nada”, mas não considero como possível ao ser humano fazer nada, já que nossa sua mente está sempre pensando, funcionando, trabalhando e já que a palavra ócio também significa trabalho mental agradável, lazer, "dedicar-se operações de natureza intelectual e espiritual que se traduziam no exercício da contemplação da verdade, do bem e da beleza, de forma não utilitária". (BACAL, 2003, p.43).

Ou seja, se originalmente a palavra escola designava o lugar do ócio, do trabalho mental agradável, do lúdico, do aprendizado pela diversão, porque distanciamos-nos tanto desse conceito? Para explicar isso a autora cita Kurtz (1999, p.5):

Na Antigüidade e Idade Média o objetivo da produção não era um fim autológico abstrato como hoje, mas prazer e ócio. O ócio, como conceito antigo e medieval, não era uma parcela separada do processo da atividade remunerada, antes estava presente nos poros e nichos da própria atividade produtiva. Enquanto a abstração do tempo-espaço do capitalista ainda não cindira o tempo da vida humana, o ritmo de esforço e descanso, de produção e ócio transcorria no interior de um processo vital amplo e abrangente.

Ou seja, estamos imersos, num sistema capitalista e a escola é um resultado desse sistema em que onde é necessário criar, quanto mais cedo melhor, habilidades para que um dia as crianças enfrentem o mercado de trabalho e consigam competir e vencer posições dentro da sociedade moderna. E nisso, a “não seriedade” do jogo é uma ameaça improdutiva para esse sistema. No meu ensino médio, por exemplo, não havia nem mesmo um curso específico para me capacitar a um determinado interesse pessoal, era apenas “Preparação para o trabalho” (PP).

Então, com efeito, o que acaba acontecendo com o jogo, é que tem seu status rebaixado perante as demais atividades, devido sua não-seriedade, o prazer que implica, e sua improdutividade.

A escola atualmente, tanto privada como a pública, se preocupam e querem prestar um serviço que agrade aos seus clientes, os pais; e, assim, preparar as crianças para o mercado e não para a vida. Nesta perspectiva, a brincadeira não é bem acolhida, por não combinar com a seriedade da referida “missão”.

5 A INVESTIGAÇÃO

Gostaria de evidenciar que penso que o brincar é muito importante tanto na Educação Infantil, quanto nas séries iniciais, mas que apesar de já ter uma opinião sobre isso, mesmo que incipiente, estarei aberta aos relatos dos sujeitos da minha pesquisa para formular ou reformular novas ideias sobre tal assunto. Diante disso, acredito que precisamos garantir no cotidiano escolar momentos em que o brincar e o brincar estejam presentes.

Tenho a pretensão também de fazer com que meus colegas tenham contato com tal temática, pois considero fundamental que os professores (e futuros professores) de Educação Infantil e Séries Iniciais reflitam sobre tal tema de pesquisa.

5.1 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos na construção dessa pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, definida por Ludke e André (1986, p.11) como:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigado, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Desde modo o autor considera que a pesquisa qualitativa deve ter o ambiente como fonte principal para coleta de dados. Otani e Fialho (2011, p.38) comenta:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Ambos consideram que a pesquisa qualitativa deve ter o ambiente como fonte principal para a coleta de dados, e que o pesquisador se torna instrumento chave para a pesquisa, sendo assim, a delimitação da investigação foi cuidadosa e a turma escolhida foi do Ensino Fundamental I.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: um questionário com uma das professoras responsáveis pelas turmas pesquisadas (APÊNDICE A).

Iniciei a pesquisa bibliográfica partindo de considerações de autores que discutem sobre o assunto por meio de livros, artigos, sites de internet, proporcionando, dessa forma, meu aprofundamento na área de conhecimento e desenvolvendo a pesquisa através da análise dos dados coletados e procurando responder aos questionamentos inicialmente levantados pela minha filha Giovana. Segundo Gil (2008, p.59) a pesquisa bibliográfica é:

[...] como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa, etc.

Gil (2008) esclarece que alguns temas poderão apresentar maior dificuldade na aquisição de materiais bibliográficos por conter poucos estudos publicados sobre determinado assunto. Evidencia, também, que o tema deve ser de interesse do pesquisador. No decorrer do trabalho o aprofundamento das leituras bibliográficas favorecerá o conhecimento necessário para solucionar os problemas elencados no início da pesquisa. A observação da realidade para o autor é defendida como um procedimento científico ou método de investigação, pois apresenta a vantagem de ser uma técnica em que os fatos são percebidos diretamente sem interferência do observador e constitui-se ainda como:

[...] elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É todavia, na fase de coleta de dados que seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. (GIL, 2008, p.100).

O autor apresenta um ponto negativo quanto ao método de observação, porque considera que o observado poderá alterar suas atitudes, não agindo naturalmente. Sendo assim, necessita-se considerar as reações das pessoas no momento em que estão sendo observadas. O mesmo ainda estrutura a observação de acordo com o grau de observação do pesquisador, que poderá ser formal ou não-formal, classificando em observação simples, participante e sistemática. Esta pesquisa está pautada na observação simples, definida pelo autor como:

[...] aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador do que um ator. Daí porque pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas. (GIL, 2008, p.101).

De acordo com o autor, esse método de pesquisa apresenta vantagens e desvantagens. A observação simples ultrapassa a constatação de fatos, a partir do momento em que os dados são interpretados e analisados cientificamente. Este ainda apresenta as vantagens da observação simples:

(a) Possibilita a obtenção de elementos para a definição de problemas de pesquisa; (b) Favorece a construção de hipóteses acerca do problema pesquisado; (c) Facilita a obtenção de dados sem produzir querelas ou suspeitas nos membros das comunidades, grupos ou instituições que estão sendo estudadas. (GIL, 2008, p.101).

Quanto às desvantagens, o autor enumera:

(a) É canalizada pelos gostos e afeições do pesquisados. Muitas vezes sua atenção é desviada para o lado pitoresco, exótico ou raro do fenômeno; (b) O registro das observações depende, frequentemente, da memória do investigador; (c) Dá ampla margem à interpretação subjetiva ou parcial do fenômeno estudado. (GIL, 2008, p.101).

5.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Qual o tempo e espaço destinado às brincadeiras numa turma de terceiro ano do Ensino Fundamental?

5.3 OBJETIVO GERAL

Compreender como as brincadeiras se concretizam numa turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, na qual é destinado tempo para esta atividade.

5.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer os pontos de vista das professoras da escola participante da pesquisa sobre as regras colocadas por eles em relação às crianças levarem ou não brinquedo de casa para a escola;
- Conhecer a organização dos momentos destinados ao brinquedo e ao brincar no cotidiano escolar.

Inicialmente, previ fazer as observações em duas turmas de terceiros anos da escola. No entanto, uma das professoras não demonstrou disponibilidade em participar da investigação. Segundo ela, o tempo pretendido não era oferecido por ela, uma vez que a escola já destinava um momento semanal para a recreação e na sua visão, as crianças de toda a escola já estariam contempladas com o lúdico e precisavam apenas de conteúdo. Posteriormente a referida professora negou-se de participar da pesquisa e também em ter sua sala de aula fotografada, ou quaisquer outros procedimentos em relação ao estudo não foram oportunizados, sendo assim, a seguir, apresento nos anexos

A entrevista realizada com as gestoras, demonstra o interesse da escola em disponibilizar as crianças momentos de interação por meio do brincar, conforme quadro a seguir: Quadro de pesquisa – entrevista com as gestoras

Após uma semana de observação com as turmas da referida escola, onde os objetivos foram verificar se na rotina das turmas observadas, havia espaço para o lúdico para facilitar a aprendizagem escolar, e se isso trazia a interação entre as crianças, quais eram as relações estabelecidas entre as crianças e as professoras assim como com as outras pessoas envolvidas, avaliar se existe uma proposta pedagógica, como é feito o planejamento das atividades, qual é a rotina de trabalho, como as crianças são tratadas, enfim compreender como se dá a educação além da teoria que aprendemos nas salas de aula foi possível estabelecer vínculos afetivos com as crianças, perceber o que mais gostavam de fazer, entender o contexto das necessidades e motivações delas, contemplar a incrível energia que possuem, a curiosidade que motiva cada uma delas, a inquietação que as faz descobrir sempre algo novo em um mesmo espaço, ver a autonomia que desejam e que cobram de nós adultos e ao mesmo tempo dar conta dos cuidados básicos que a tenra idade delas exige.

Foi a partir dessa observação que se deram os questionamentos em relação ao uso dos brinquedos ou não e a importância do brincar como instrumento de apoio para a docência em sala de aula. As perguntas e questionamentos descritos neste trabalho foram organizados também com base em textos estudados sobre os anos iniciais do ensino fundamental propostos para leitura durante o Curso da Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Com esses conhecimentos aliados ajudaram a elaborar o corpo desse trabalho, porém não foram suficientes para dirimir todas as dúvidas e questionamentos. Acredito que serão necessários outros estudos e pesquisas para dar continuidade e complementar essas respostas.

Nas minhas observações na escola pesquisada pude analisar ao menos dois contextos distintos em turmas de 3.^o Ano. O primeiro, com muito entusiasmo e alegria, era oferecido aos alunos o lúdico e a diversão no processo de aprendizagem. Carismática e sorridente, a professora tinha sua sala de aula com muitos trabalhos, exposições e assim, ao meu ver, trazia para quem chega em aula e para que nela permanece, uma visível valorização dos feitos e das aprendizagens daqueles sujeitos, também do acompanhamento das famílias nos diversos trabalhos expostos, pois muitas coisas eram pensadas e concretizadas no ambiente familiar e trazidas para complementação na escola, se assim fosse o caso. Por outro lado, a segunda turma que visitei em observação, já totalmente diferenciada da primeira, começando pelas classes, umas atrás das outras, de maneira tradicional, alunos copiando e copiando, fazendo textos baseados em figuras dadas pela professoras (pelo visto eram sempre as mesmas, pois ela perguntava se o aluno já não tinha trabalhado com aquela figura). Na sala não havia trabalhos ou coloridos quaisquer. Os alunos separados por “alfabetizados e não alfabetizados” se mantinham afastados e não podiam conversar. A dispersão fazia parte do cotidiano deles. Era semana das crianças, mas não havia marcas ou planejamentos para enfatizar essa semana de alegria na vida da segunda turma visitada, ao contrário da primeira turma, na qual, após o intervalo foi feito um piquenique no pátio da escola.

Na escola observada, bem como no acompanhamento da história do desenvolvimento do conceito de criança e do brinquedo vemos o modo como hoje as crianças têm seus espaços para brincar cada vez mais reduzidos, apesar do grande desenvolvimento da indústria do brinquedo e do entretenimento. A violência que impede as brincadeiras nas ruas, aliada ao modo de vida dos pais, envolvidos

com o trabalho e sem tanto tempo para os filhos, assim, mais propício para o desenvolvimento de brincadeiras, até mesmo pela possibilidade de contato maior com diferentes crianças. Me vem a pergunta na mente: a escola tem sido esse espaço para o brincar? Qual papel o brincar ocupa na escola?

Conversando com diferentes professores, dentro da escola pesquisada e fora dela também, em outras escolas da rede pública e particular, todos assumem a importância da brincadeira. E mais uma questão surge: Se a maioria dos professores e gestores, na área da educação, consideram importante o brincar, por que ele é tão pouco valorizado na prática?

A brincadeira é mais evidente na educação infantil, mas já no ensino fundamental, a brincadeira tem perdido seu espaço para a educação formal e conteudista, que ainda faz parte da mentalidade da maioria dos professores. É como se o brincar na escola só fosse permitido até cinco anos de idade, e precisasse ser coibido nas séries seguintes, pois, dentro dessa mentalidade, o brincar atrapalha o aprendizado formal e na escola pesquisada é assim também.

Tanto eu como as gestoras da escola pesquisada, compreendemos a Brinquedoteca como espaço à estimulação de pessoas das mais diversas faixas etárias. Local que oferta diversos brinquedos num ambiente propício à ludicidade, com liberdade, sentido, ou seja, um mundo de fantasia, que estimula o imaginário de adultos e crianças, que as pessoas a viver de forma prazerosa e saudável, através do lúdico e consideramos que nela e por meio dela também se aprende.

Na atualidade, a concepção de Brinquedoteca nas escolas deve atender a todos os envolvidos no meio educacional, pois as atividades lúdicas são concebidas em qualquer idade, mesmo que nesta haja apenas brinquedos ditos infantis. Como ressalta Santos (2000, p.58), "O lúdico precisa ser concebido na sociedade atual com uma conotação que extrapola a infância, pois os jogos e brincadeiras não são privilégios somente das crianças". A autora reforça, que o ambiente lúdico deve favorecer a todas as fases de desenvolvimento do ser humano em todos os âmbitos do trabalho, da educação e da vida.

Cunha (2001, p.16-17) afirma que a Brinquedoteca é um espaço criado para favorecer a brincadeira aonde a criança vai para brincar livremente: "[...] com todo o estímulo à manifestação de potencialidades e necessidades lúdicas".

A gestora 1 manifestou que: "[...] *Também a escola está montando uma sala de jogos: 'Brinquedoteka', para alunos do currículo por atividade*". (G.1).

As pesquisas realizadas por Santos (2000, p.62) destacam que, "as escolas que possuem brinquedotecas tem mostrado que o jogo e o brincar são estratégias poderosas para a construção de conhecimentos, tendo em vista os desafios proporcionados pelo lúdico". Sendo assim, concluímos que a Brinquedoteca por fazer parte da práxis pedagógica do docente, valoriza a espontaneidade da criança. O professor deve aproveitar destes momentos para observar, conhecer e até mesmo avaliar o educando, significativamente, no intuito de favorecer a formação do aluno. Procurei, junto a Gestão da escola observada obter imagens do espaço dentro da escola que será colocada a brinquedoteca, mas ainda é um projeto para ano que vem (2019) e a sala será ao lado da biblioteca e ainda não está disponível.

Concordo com Hypolitto (2001, p.176), quanto a presença da Brinquedoteca no meio institucional, "não deverá existir apenas para distrair as crianças, mas sim deverá preocupar-se com a formação do ser humano integral e com o período de vida no qual ele está sendo cultivado" e considero muito importante que a gestão escolar da escola pesquisada conheça e reconheça além da importância da Brinquedoteca para mediar aprendizagens nela, também conheça os conceitos e propostas das teorias científicas quanto à atuação dos professores neste espaço lúdico.

Outro fato que talvez possa estar acontecendo em relação a brinquedoteca e sua "ausência" dentro das escolas atualmente, e que com certeza o desconhecimento dela como instrumento que possui valor didático. Para Bomtempo (2005) professores possuem formação defasada quanto a certos conhecimentos, que os impedem de entender ou conhecer certos tipos de aprendizagens, o uso bem empregado das brincadeiras e da oportunidade de brincar. Acrescenta o autor: "[...] é necessário que o professor conheça todos os materiais com os quais tem de lidar, "[...] a Brinquedoteca é o espaço privilegiado para a pesquisa [...] lá observa-se a criança, como ela brinca e porque ela não brinca". (BOMTEMPO, 2005, p.44).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a grande maioria dos professores compreende e sabe que podemos trabalhar lateralidade, organização especial, noção de tempo, coordenação motora global e fina, noção corporal, tonicidade, equilíbrio, noção de limites (através das regras), concentração, a ansiedade, autonomia e muitíssimos outros conceitos através da brincadeira, mas muitos continuam a dar exercícios xerocados de coordenação motora fina, ou pensam em trabalhar noção espacial pedindo para colar bolinhas de papel dentro de um desenho pronto, transformando a atividade que deveria ser divertida, num trabalho cansativo. E a grande reclamação que escutei nas diversas escolas que passei na minha trajetória de graduanda, bolsista e discente, quando na sala dos professores é: “Essas crianças não têm noção de espaço! Não sabem nem o que é direita esquerda! Eu não sei mais o que fazer para ensinar isso”. Como afirma Freinet (1969, p.133-134):

‘A vida se faz pela vida’. Se as crianças brincassem mais nas escolas de brincadeiras como ‘Vivo ou Morto’, ‘Queimada’, ‘Amarelinha’ [...] teriam a noção de espaço trabalhadas, sem que houvesse necessidade de trabalho formal para isso. ‘As crianças se interessam pela vida do seu meio, pelas flutuações da natureza e dos trabalhos, e gostariam de estudar principalmente aquilo que lhes diz respeito’.

Fiz muitos estágios em várias escolas da rede pública (estado e município) e observei algumas escolas particulares onde meus três filhos estudaram aqui em Porto Alegre. Foram muitas horas entre mini práticas, de estágio supervisionado (ainda que do Curso técnico em Nutrição e Dietética que fiz em 2007). Além disso, trabalho como Guarda Municipal em Porto Alegre há 27 anos e sempre observei de perto o trabalho dos professores, de maneira geral. Percebi, que a visão que se tem de trabalho escolar sério exclui o brincar, pois tal visão está alicerçada numa escola onde as crianças ficam horas sentadas, submissas, imobilizadas, para atingir objetivos propostos pelo professor através de exercícios preestabelecidos, com o fim de atingir o máximo de rendimento dos alunos. Eles (os alunos) pedem licença até mesmo para colocar um papel na lixeira, para se deslocar até o banheiro... E até mesmo para as crianças menores da educação infantil, o brincar ainda é pouco valorizado. Tenho a impressão que desta forma, os professores podem relaxar apenas enquanto os alunos ficam soltos no pátio e que bom que as crianças têm

esse momento de pátio! São realizados muitos trabalhos dirigidos para pintar, recortar, colar e são poucos os momentos onde os professores brincam com as crianças de brincadeiras e jogos populares, como as cantigas de roda, por exemplo. Me parece que os professores não compreendem o importante papel no ato de brincar. No que Paulo Freire (2005, p.45) responde de maneira muito rica:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Defendo e acredito que o brincar é um fator muito importante na aprendizagem, os jogos e o brinquedo trazem inúmeros benefícios quando utilizado de forma adequada na sala de aula e nos planejamentos. É através do lúdico a criança desenvolve habilidades importantes como: atenção, imitação, memória e imaginação. A brincadeira dá para a criança um gosto todo especial e assim ela se envolve de maneira prazerosa nas atividades propostas. A brincadeira é algo constitutivo na criança, fazendo com que na sua forma de trabalhar, passe a interpretar, refletir e descobrir o mundo brincando.

Como constatado pela minha filha Giovana, que o seu irmão na Educação Infantil possuía o espaço destinado ao brincar bem maior e mais amplo e o tempo que ela no 3.º Ano do Ensino Fundamental, além da ampla variedade de brinquedos. A aprendizagem, nesta etapa, é voltada para uma metodologia lúdica. Portanto, o brincar é explorado todos os dias.

Já a partir do Ensino Fundamental, percebe-se que este espaço e tempo tornam-se restritos. As crianças ficam mais tempo sentadas e em muitos casos, as mesmas brincam somente no recreio, conforme me relatou a professora em minha trajetória. O que é corretamente comentado pela professora Tânia Fortuna (2000, p.130) explica que:

Só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que estes momentos correm, permanentemente, o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja por não ter feito a tarefa de casa ou ainda por não ter dado tempo. Às vezes, a supressão do recreio se estende a hora da merenda, e mesmo que esta não seja, a priori, uma atividade lúdica, representa um momento prazeroso diferenciados das tarefas tipicamente escolares, onde um rasgo de espontaneidade é possível.

Na nossa sociedade, o brincar dentro da escola deve ser melhor aceito e compreendido pelos docentes de maneira geral e também pelos gestores, entendendo o brincar no seu sentido amplo, como uma ação/manifestação/necessidade humana e um direito social da criança. É necessário rever o papel social, cultural e político da escola na nossa sociedade e reconstruí-la como um espaço privilegiado da infância e da cultura lúdica.

O novo modelo econômico do mundo globalizado e também do Brasil, em especial, a perda dos recursos financeiros e o empobrecimento das famílias levaram cada vez mais as crianças ao mundo laboral precoce, mudando seus jogos e brinquedos por elementos de trabalho ou assumindo responsabilidades próprias do adulto. Assim o mundo infantil e as brincadeiras perdem lugar para o mundo adulto, e vai sendo perdido aquele brincar espontâneo, pois sempre tem o controle do adulto, deixando de ser livre.

É importante incentivar e estimular estudos sobre o brincar na escola ou em qualquer outro espaço, além da escola que permita observar que o jogo espontâneo é uma investigação de enorme importância que possibilitará a exploração científica do lúdico em todos os âmbitos na vida da criança.

Tenho pensado e refletido sobre o assunto durante toda minha trajetória acadêmica: Será que existe uma escola ideal? O que seria uma escola ideal?

Acredito que a escola ideal é algo que jamais podemos deixar de buscar, enquanto professores da educação infantil e Anos Iniciais. As escolas sonhadas são importantes, elas servem para dizer que devemos persegui-las, embora sejam difíceis de serem possíveis do ponto de vista estrutural. Quanto mais rica a experiência ou vivência lúdica, maiores serão os caminhos, possibilidades e alternativas que a criança terá para estruturar seu pensamento, criar possibilidades de ação, potencializar sua motricidade, alcançar seus objetivos e fortalecer vínculos de afeto e sociais saudáveis.

Uma aula onde o lúdico está presente, se assemelha ao brincar - atividade livre, com espontaneidade, imprevisível, capaz de envolver a pessoa que brinca, não pensada apenas em produzir conteúdo. Como brincar, na concepção de Brougère (1998, p.4) é um modo particular de viver, é preciso aprender a brincar para viver com prazer e, por extensão, aprender com prazer. Assim como um jogo é tanto melhor quanto maior seu potencial instigador e seu espaço para a ação, a aula lúdica desafia o aluno e o professor e tornando-os sujeitos do processo pedagógico.

A ansiedade, o desejo de saber, a vontade de participar e a alegria da conquista estarão presentes em todos os momentos desta aula. Então, professor e aluno perceberão a realidade, que estarão aprendendo e ensinando mutuamente, ao de pensar, ao imaginar, ao inventar, pois o material necessário à prática criativa é, nada mais que a própria realidade.

Brougère (1998, p.5) afirma que: “a ausência de conseqüências faz com que o jogo seja um espaço sem risco, onde se pode experimentar, inventar, tentar alguma coisa sem risco de ser repreendido pelo real”. Acredito que a motivação para a atividade lúdica é de fato correr o risco e no confronto constante com a realidade e suas implicações. É este trânsito que qualifica mutuamente brincadeira e realidade, como afirmamos páginas atrás. É nele, igualmente, que se encontra a fonte do desafio incessantemente reiterado, outra marca do brincar. Quanto a não pretender ter conseqüências, isto não quer dizer não possuir desejos - o desejo no jogo faz o papel da intencionalidade no projeto pedagógico.

Percebi que com minhas entrevistas que as atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento das crianças e que essas atividades facilitam a aprendizagem, bem como que o lúdico contribui para o desenvolvimento físico, motor, afetivo, o raciocínio, a convivência em grupo.

Também, ficou claro na pesquisa e aqui registro a necessidade de proporcionar capacitações, divulgação de cursos de atualizações ao corpo docente das escolas de maneira geral, possibilitando-lhes vivenciar e comprovar que a brincadeira e o lúdico devem ser vistos como alternativa de aprendizagem, pois essa aceitação e convencimento por parte do corpo docente das escolas trarão benefícios á toda a comunidade escolar.

Considero que é necessário conhecer e reconhecer a importância do lúdico, na mediação da aprendizagem das crianças do 3.º Ano do Ensino Fundamental, sendo que a contribuição do jogo para a escola, não é apenas o ensino de conteúdos de forma lúdica, “sem que os alunos nem percebam que estão aprendendo”. Não é ensinar como agir, como ser, pela imitação e ensaio através do jogo, e sim, desenvolver o raciocínio, propiciando o exercício da função representativa, da cognição. Ao brincar a criança desenvolve a imaginação e a criatividade, atingindo a construção do sistema de representação, beneficiando, também, a aquisição da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. P. (Org.). **Brincar, amar e viver**. 1. ed. Assis: Storbem Gráfica e Editora, 2014.

BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BOMTEMPO, Edda. **Importância do Lúdico, do Brinquedo na Saúde e na Educação**. Mesa de debate A Brinquedoteca no processo Educacional. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE A BRINQUEDOTECA. 2005, p.41. Disponível em: <<http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/Internet/comissoes/cip/publicacao/brinquedoteca120307.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação infantil (LDBEN)**, n. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Diário Oficial, 23 dez. 1996, p.27833.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. Coleção questões da nossa época. 3. ed. São Paulo-SP: Cortez, 2000. 110p. v.43.

_____. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COELHO, G. N. Brincadeiras na favela: a constituição da infância nas interações com o ambiente. In: SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. de (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junquera& Marin, 2007.

COLLARES, Darli. **Epistemologia Genética e pesquisa docente**: Estudo das Ações no Contexto escolar. Instituto Piaget, 2003.

CUNHA, Nylse. **Brinquedoteca**: um mergulhar no brincar. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2001.

DEBORTOLI, J. A. Oliveira; MARTINS, M. de F. A.; MARTINS, Sérgio. (Orgs.). **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M.; DALLAZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 147-164. (Cadernos de Educação Básica, 6)

_____. O lugar do brincar na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, ano IX, n. 27, p.8-10, abr./jun. 2011.

FREINET, Célestin. **A educação pelo trabalho**. Lisboa: Editorial Presença, 1969. V.1

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HYPOLITTO, Dinéia. O brinquedo e a criança. **Revista Integração**. Ano VII, nº. 26. 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo-SP: Cortez, 2000. 183p.

_____. Bruner e a brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p.139-151

_____. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

KURTZ, R. **A expropriação do tempo**. Folha de São Paulo. São Paulo, 03 jan. 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **O lúdico é o parceiro do professor**. Publicado em 01/01/2000. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=270>>. Acessado em set/ 2018.

MARTINI, Francine Viehbeck. **“Prof, quer brincar com a gente?”**: Lembranças de alunos sobre o professor que brinca no espaço escolar. 2011. 50f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MULLER, Verônica Regina. Et al. O brincar das crianças: aproximações às culturas infantis. **Revista Digital**, Buenos Aires - Año 11 - N° 104 - Enero de 2007.

NASCIMENTO, A. M. **Infância e cidade**: crianças e adultos em um espaço urbano público. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu. Anais... Recife, 2008

NOWACK, Ariane Corrêa. **O brincar na educação infantil**: percepção da realidade escolar do município de São Borja. 2015. 33f. Trabalho de Conclusão (Especialização). - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC: métodos e técnicas**. 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Visual Books, 2011.

PORTO, B. S.. **Brincar, amar viver na escola: a criatividade na formação do educador**. In: Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida. (Org.). Brincar, amar e Viver. 1a.ed.Assis-SP: Storbem Gráfica e Editora, 2014, v. I, p. 143-167.

SANTOS, Maria Nilza Machado. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Org.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13–28.

_____. **Notas realizadas durante a palestra Infâncias, Culturas Infantis e Educação**. Rio Grande/RS: Fundação Universidade do Rio Grande, 2005.

SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos Teóricos e metodológicos da educação infantil**. Curitiba: IESDE, Brasil, 2003.

SOUZA, Márcia Helena de; MARTINS, Maria Aurora Mendes. **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: IESDE, 2005.

TOMÁS, C. A. **Há muitos mundos no mundo: direitos das crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais de crianças** – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. 2006, 380f. Tese (Doutorado em Educação e infância). Universidade do Minho, 2006

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____.; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Edusp, 1998.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PRINCIPAIS PERGUNTAS DA PESQUISA (PARA PROFESSORAS)

1. Dados de identificação:

1.1 idade:.....;

1.2 formação:.....;

1.3 tempo de experiência no magistério:.....;

1.4 turma que exerce a docência:

1.4 tempo de experiência na turma em que atua:.....,

1.5 carga horária de trabalho.....:

1.6 outras informações relevantes:

2 - Em seu planejamento, há previsão para momentos em que as crianças possam brincar livremente? Por quê?

3 - Nesses momentos as crianças podem trazer brinquedos pessoais para a escola? Por quê?

4 - Há um dia da semana específico para que esses momentos ocorram?

5 - Há combinações estipuladas anteriormente?

6 - Além desses momentos, são propostos jogos e brincadeiras em aula? Por quê? Sim: quando?

APÊNDICE B - PRINCIPAIS PERGUNTAS DA PESQUISA (PARA GESTORES)

1 Dados de identificação:

1.2 idade:.....;

1.2 formação:.....;

1.3 tempo de experiência no magistério:.....;

1.4 cargo ou função na escola:.....,

1.5 carga horária de trabalho.....:

1.6 outras informações relevantes:

2. A escola possui um Projeto Político Pedagógico?

2.1 Sim: ele contempla o brincar como relevante no processo educacional?

3. Qual o enfoque que a GESTÃO ESCOLAR dá ao brincar e aos brinquedos em geral, para turmas dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental?

4. Existe um dia da semana/turno dentro da rotina da escola como um todo, onde é oportunizado o brincar como atividade de toda a escola? Por quê?

5. As crianças costumam trazer e têm permissão para trazer seus brinquedos pessoais para a escola?

6. Considerações sobre o brincar e a presença dos brinquedos pessoais dos alunos na escola sobre aspectos não contemplados nas questões anteriores.